

Gravação: ep11_clarinete_vimeo_2.0

Duração: [00:26:15]

Legenda	Descrição
Comentários	
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marcos Suzano
Orador B	Dirceu
Orador C	Odivan
Orador D	Sérgio
Orador E	Carlinhos

Início da Transcrição [00:00:21]

Orador A: “O Som e o Silêncio” é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos; do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria? Essa busca pelo som ideal, essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico e percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia do clarinete.

Orador B: O primeiro instrumento que eu toquei foi a flauta. E o clarinete, ele apareceu muito de repente, algum tempo depois, já tocando flauta já, até profissionalmente. Eu sempre gostei de ouvir os clarinetistas brasileiros, né: Abel Ferreira, Cachimbim... E sempre tive uma admiração muito grande pela sonoridade do instrumento. Aqueles, os graves do clarinete, sempre, que a flauta não tinha. Não tem aqueles graves, aquele som amadeirado. O clarinete é

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo
 Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000
 CNPJ: 23.923.180/0001-89
 contato@transcritoja.com
 21 3942-6699

tudo o que a flauta não é, né. Acho que quando eu comecei a estudar o clarinete, a impressão que dava era exatamente isso, o clarinete completava um po... a necessidade que eu tinha de, de me encontrar musicalmente com alguma coisa. Sou completamente apaixonado pela, pela minha profissão. Estudo todos os dias, quando eu fico um dia, dois dias sem estudar, por uma questão de necessidade, eu já fico, já, nervoso, já começo a ficar irritado. É uma situação bem complicada. Você não consegue estudar um instrumento musical, eu acho que nem em duas vidas. Você precisa de algumas vidas pra estudar um instrumento. Ele é tanto ilimitado, tecnicamente, quanto é ilimitado criativamente. Então, a música, ela é infinita, né? Pixinguinha dizia exatamente isso, não adianta, por mais que eu estudo, eu nunca vou conseguir chegar àquilo, ao lugar onde eu quero chegar. Eu me realizo tocando. Eu me realizo. Então eu acho que isso basta. Eu procuro fazer com que isso me baste.

Orador A: Opa.

Orador C: Ô!

Orador A: Odivan?

Orador C: Sim.

Orador A: Como é que vai? Tudo bem? Eu sou o Suzano. Tudo bem?

Orador C: Olá. Prazer.

Orador A: Você é o Sérgio?

Orador D: Ô, Marcos!

Orador A: Como é que vai, Sérgio? Tudo bem?

Orador D: (inint) [00:03:55]

Orador A: Muito prazer!

Orador B: Eu acho que eu fui dar uma aula de clarinete, eu não me lembro bem, na Casa do Choro, aqui no Rio de Janeiro, e tavam expondo alguns clarinetes, uns, tinha alguns expositores. Entre eles, o Devon & Burgani. “Posso experimentar?” “Pode, claro. Tá aí.” Quando eu troquei, eu falei “Nossa, eu quero um pra mim.” Foi assim, foi amor à primeira

vista, totalmente.

Orador C: Os músicos têm uma certa resistência quando você fala de um instrumento brasileiro, tanto porque no Brasil nunca se teve uma fábrica de clarinetes profissionais.

Orador D: Os primeiros anos foram bem difíceis pra gente aqui.

Orador A: Difíceis, é.

Orador D: Colocar os primeiros instrumentos.

Orador C: Mas a gente vai conseguindo. Hoje nós temos 22 artistas profissionais, assim, top. Do naipe do Sérgio, que toca em orquestras e tudo mais.

Orador D: (inint) [00:04:58].

Orador C: E que já tocam com o nosso instrumento, já utilizam o nosso instrumento profissionalmente. Esses aqui são os nossos artistas. (inint) [00:05:04]

Orador D: (inint) [00:04:04]

Orador A: Ah, legal. (inint) [00:05:05] Que legal.

Orador C: Márcio Pereira é de Portugal. O Javier é da Es... da Argentina. Dirceu.

Orador D: Dirceu.

Orador A: Olha ele aí. Dirceu Leite.

Orador D: Grande Dirceu.

Orador B: O Odivan, inclusive, fabricava instrumentos com vários tipos de madeira brasileiras e tal. Eram lindos os instrumentos. Dava vontade de levar um monte pra casa, assim, guardar. Porque o acabamento sempre foi bonito, sempre foi... Mas aí você experimentava, você ficava pensando “Tá faltando alguma coisa...” Tava faltando o Sérgio, né? Tava falando o Sérgio Burgani pra poder dar aquele, aquela, aquele toque final do instrumento. Realmente a dupla é Batman e Robin, né?

Orador C: Eu comecei a fabricar clarinete há 27 anos atrás. Só que eu comecei a fazer (inint) [00:06:05] pra o público evangélico, mais pra igreja, estudantes, instrumento de estudante. Aí

depois eu vim pra São Paulo e aí o Joel falou comigo: “Procura o Sérgio, o Sérgio tá aí na UNESP, pode te ajudar”, aí eu comecei assim indo lá, pedindo opiniões.

Orador D: Mas aí quando ele me encontrou, ele tava fazendo clarones.

Orador C: Fazendo clarones.

Orador D: Esse aqui é um clarone que ele fez.

Orador A: Olha isso...

Orador C: É.

Orador D: Foi com esse clarone que ele veio a São Paulo, ele me mostrou e a gente começou...

Orador C: Aí eu, com dúvida, né, levava um dia lá, “Sérgio vê aí.” Ele tocava, “Falta isso, isso, isso”, aí eu voltava pra fábrica, mexia, mexia. “Vê agora.” “Você veio aqui semana passada, cara. De novo”. “Toca aí.” Aí tocava de novo, eu voltava na semana. Quase todo dia tava na UNESP. E aí foi. Depois disso, ele veio que com o clarone, “Vamos fazer clarinete”. Aí ele...

Orador D: Aí eu...

Orador C: Embarcou nessa.

Orador D: Eu tinha essa vontade, sempre li...

Orador A: Muito legal. Que encontro bacana, né?

Orador D: E encontrei oportunidade de colocar todos os meus sonhos em realidade.

Orador A: Que maravilha. Muito legal. É isso aí. Pô, que bacana, né?

Orador D: Aí nasceu um clarinete brasileiro.

Orador B: Opa. Uê? Já começou

Orador C: E aí?

Orador B: Ah, garoto.

Orador C: Pô, tá chegando?

Orador B: Eu vim com a partitura, mas não é minha não, hein? É de (inint) [00:07:25].
Garoto bom.

Orador A: Aí, Dirceu! Que maravilha.

Orador C: Me abandonou. Não me escreve, não manda recado.

Orador B: Putz grila. Como é que tão as coisas aí? Tudo certo?

Orador C: Tudo bem.

Orador D: Cara exibido, né?

Orador C: Exibido.

Orador D: Exibido

Orador C: Já deu, exibido.

Orador A: Já são uma família, não é?

Orador D: Todo ciumento, hein?

Orador C: O cara chega com essa linha toda aí. E diz que eu que sou exibido.

Orador B: Você tá com um chalumeau na mão?

Orador C: É.

Orador B: Olha aí, um chalumeau.

Orador C: Esse é o chalumeau, esse é o predecessor do clarinete.

Orador B: É, começou, né?

Orador A: Vou puxar mais uma cadeirinha pro Carlinhos...

Orador C: Deixa eu só pegar aqui (inint) [00:07:53]

Orador A: Tá aqui. (inint) [00:07:55] Olha aqui.

Orador E: Ah, obrigado.

Orador A: Então, essa palheta aí, Dirceu, a escolha da palheta é o momento, é o momento chave também.

Orador B: É o momento chave. É o momento da loucura do músico.

Orador A: É.

Orador B: Do músico que toca instrumento de palheta.

Orador A: ãhn.

Orador B: Às vezes eu vejo as pessoas comprando “Ah, eu quero uma palheta” Que às vezes Você pode comprar uma caixa com dez ou Você pode comprar elas avulsas, né? Aí o cara tira da caixinha, aí fica botando no espelho, olhando.

Orador A: Não tem a menor chance.

Orador B: Isso não adianta absolutamente anda.

Orador A: Sensacional.

Orador B: O cara olha, assim. Olha assim, de lado, isso é puramente psicológico, vamos dizer...

Orador A: Que maravilha.

Orador B: Isso não adianta nada. O negócio... Ele olha, mas na verdade ele não tá olhando nada porque não tem o que olhar ali.

Orador A: Claro, não tem o que olhar.

Orador B: A palheta é cortada da mesma forma que todas as outras são cortadas.

Orador A: Certo.

Orador B: E quando tem algum defeito, tá na cara que tem um defeito.

Orador A: Certo. (inint) [00:08:50]

Orador B: Tem um nó ali no meio da palheta. Aí na hora você vai pedir pra trocar. Antes de colocar na boca.

Orador A: Claro.

Orador B: Porque este também essa coisa de que se você coloca a palheta na boca...

Orador A: Já era.

Orador B: Você tem que comprar a palheta.

Orador A: Colocou na boca, então, já era, né?

Orador C: Então, essa aqui é aroeira, um (inint) [00:11:53] de fazenda, que a gente usa, pra reutilizar a madeira, você vê que o miolo dela tá ótimo, perfeito. E era uma, tava no tempo há muitos anos, 60, 70 anos, né? Então a gente tá reutilizando essas madeiras. Tem um poste também, esse aqui é um poste de aroeira

Orador A: Olha um poste. Uau.

Orador C: Você vê que tá perfeito, ó

Orador A: Olha.

Orador D: A gente brinca que era um poste de luz, agora virou, a gente dá à luz de outra maneira, através da música.

Orador A: Muito bonito, né? Demais.

Orador B: A madeira, ela, quando ela é nova, ela tem a trama dela. Ela vai, ela vai secando e vai fechando. Isso causa uma, uma, uma tensão muito grande dentro do instrumento, né. Você tem ali uma madeira, porosa. É uma coisa natural, vegetal, poroso, que tá em processo de amadurecimento, né? Que é todo formado de fibra, né. A madeira é todo fibrosa, secando. E ali um ar extremamente úmido a 37 graus. E depois de meia hora, trinta, quarenta minutos, 3 horas tocando, então, isso proporciona, com o tempo, isso proporciona uma sonoridade muito mais encorpada depois, né. É fantástico isso.

Orador D: Nosso instrumento não é igual a um instrumento de cordas, um violão ou violino.

Orador A: Que vai ficando...

Orador D: Ele vai se deteriorando. As chaves têm desgaste. Você não vai conseguir mais.

Orador C: Principalmente porque (inint) [00:13:33]

Orador A: Não tem (inint) [00:13:33], exatamente.

Orador D: E porque a madeira, como é orgânica, todos os furos, eles ficam ovalados.

Orador B: Sei.

Orador A: Entendi.

Orador D: Ele vai perdendo as dimensões originais do instrumento.

Orador A: Claro.

Orador D: Então toda a escala...

Orador C: Ela envelhece. É.

Orador D: Envelhece. Isso.

Orador C: Isso aqui já tá com a parte interna pronta, ou seja, a câmara pronta, ou seja, a câmara interna, que é o principal do instrumento já tá pronta.

Orador D: O principal. Isso.

Orador C: Como vai ser. Aqui, agora, a gente vai fazer a parte de usinagem, que é a furação.

Orador D: Furação.

Orador C: Toda a parte de torneamento, vai abrir rosca, (inint) [00:16:16].

Orador A: Essa furação, existe uma métrica correta ou, dependendo do material, você tem que criar um furo um pouco maior, diferenciar a posição?

Orador C: Então, a gente tem, como a gente trabalha com madeira, o processo é muito parecido porque a variação das madeiras é muito pouco. E como que a gente faz? A gente faz a furação, só que a furação que é feita, ela não é a final.

Orador A: Ah.

Orador C: É uma furação prévia. Então, depois... Por isso que o instrumento fica, acaba ficando caro. A parte de afinação é feita manualmente, furo a furo.

Orador A: Entendi. processo final.

Orador C: Então quando você faz, se a gente for fazer um processo, por exemplo, num instrumento num plástico, no material sintético, o processo de usinagem é diferente. Quando eu iniciei o meu projeto, eu experimentei, eu e Sérgio, vários instrumentos e a gente foi vendo o que que a gente queria. Ah, esse aqui é isso, esse é isso.

Orador D: É.

Orador C: A gente foi traçando afinações, vendo curvas de afinações, acústica, o que era bom em um, o que era bom em outro. E, a partir disso, a gente foi montando o nosso projeto. “Ah, a gente quer isso”. A gente quer que o instrumento seja dessa forma. Então a gente conseguiu o nosso instrumento. Hoje, se você pegar o nosso instrumento, ele não tem um furo igual ao instrumento de outra marca. E aí existe clarinetes (inint) [00:17:27], existe clarinetes com mais policilíndrico, isso tudo, ele modifica. Porque você tem, quando você tem vários cilindros, você tem uma, é como se a onda vem de um determinando tamanho, naquele ponto ele diminui.

Orador A: Diminui e acelera no outro.

Orador D: É.

Orador C: E acelera. É isso que dá característica do instrumento.

Orador A: Aqui, então, é onde é feito a perfuração interna.

Orador D: A perfuração.

Orador C: E aí ela já vai sair...

Orador A: Já toda marcada.

Orador D: Ela sai assim.

Orador A: Olha que lindo que fica. Linda a peça, hein? Caramba...

Orador D: Essa sai toda preparada pra...

Orador C: Com rosca, (inint) [00:18:10]

Orador A: Que coisa incrível.

Orador C: Esse é o furo do instrumento, digamos, né? E aqui a gente tem o projeto dos clarinetes, todos, todos os nossos instrumentos. A gente faz o projeto aqui, depois que a gente vai fazendo, colocar na máquina, usinagem.

Orador A: Na máquina.

Orador C: (inint) [00:18:28]

Orador D: Apesar de ser artesanal, né, a gente tem que...

Orador A: Nessa hora, a tecnologia tem que tá convivendo.

Orador C: Exatamente.

Orador D: É.

Orador A: Então, Sérgio, você pode mostrar então como seria, assim, o teste?

Orador D: É. Toco um pouquinho.

Orador A: Pra ver a extensão.

Orador D: É.

Orador A: Esse é um bom clarinete, então.

Orador D: Esse...

Orador A: Tá aprovado?

Orador D: Tá.

Orador A: Como foi a tua vida, a música?

Orador B: A minha vida, com 9 anos, eu já fui enfeitado. É um feitiço.

Orador A: É.

Orador B: É um feitiço. Eu ouvi uma flauta de um vizinho meu tocando.

Orador A: Ah.

Orador B: Um amigo meu, de pelada na rua. Que ele era obrigado a tocar. Ele odiava tocar flauta.

Orador A: Odiava.

Orador B: Mas toda a vez que ele toca, o mundo...

Orador A: Opa.

Orador B: O tempo parava pra mim. Eu não sabia... Eu era tão ignorante que não sabia nem que som, que instrumento era aquele.

Orador A: Que legal.

Orador B: Eu não sabia se era um acordeão, se era um... Eu não sabia o que era. Eu ficava falando “Que é isso, que é muito bonito. Mas é lindo demais. Quem é que tá aí”

Orador A: É.

Orador B: Eu ficava na janela, procurando de onde vinha.

Orador C: Aqui a gente tem as peças, já soldadas.

Orador A: Não acredito. Essas aqui são partes...

Orador B: Olha...

Orador D: São as partes...

Orador C: Fundidas.

Orador A: É.

Orador D: Fundidas.

Orador C: Isso.

Orador A: Ah...

Orador D: Essa peça...

Orador A: Ahã. Ali.

Orador D: vai ser essa.

Orador C: Em cada clarinete vão 34...

Orador A: Negocinhos desse.

Orador C: Pininhos desse. E são 11 modelos diferentes. Aí, aqui a gente vai fazer a colocação das (inint) [00:21:18], fazer a furação delas. Ela, ela é feita a furação montada. Com essa ferramenta aqui. A gente já coloca ela.

Orador A: Ahã.

Orador C: E faz a furação de um lado e do outro. Porque tem que ficar no mesmo alinhamento, na mesma direção.

Orador A: É.

Orador C: Então essa ferramenta aqui, você coloca, ela já faz a furação...

Orador B: São ferramentas inventadas?

Orador A: São ferramentas inventadas, tudo a gente que fez aqui, que criou. Vai quebrando a cabeça.

Orador A: Que legal. Você é o professor pardal?

Orador D: Professor pardal

Orador C: A gente tem que fazer e tem que dar um jeito. Esse corte, ele que garante que a chave de um instrumento vai servir em outro.

Orador A: Ah.

Orador C: É o padrão, por exemplo. Eu posso pegar qualquer clarinete nosso, pegar uma chave de um e colocar no outro, que ele vai caber.

Orador A: Entendi.

Orador C: Por quê? Porque esse é fresado na fresa (inint) [00:22:03], então ele fresa aqui, fresa aqui, vai fresando todos e garante que as distâncias sejam sempre as mesmas.

Orador A: Sempre as mesmas.

Orador C: E aí, aqui embaixo é isso, quando a gente termina esse processo da (inint) [00:22:13], colocou o pino, furou, aí a gente solta pra fazer a montagem. Aqui a gente faz a primeira montagem. Então o instrumento antes de ficar pronto, primeiro a gente monta ele aqui. Depois desmonta ele de novo, tira todas as chaves.

Orador A: Ahã.

Orador C: Faz o polimento, lava, faz tudo certinho. E aí vai pro banho, que é outra coisa que a gente não faz aqui, que é o banho. Aí, depois vem pra essa segunda montagem. E aí aqui elas já vão...

Orador A: Já estão arrumadinhas.

Orador C: Já estão prontas. Já tão banhadas.

Orador A: Super bonito.

Orador C: Cortiça, vai botando sapatilha.

Orador A: É, é.

Orador C: Aí aqui, ele tá fazendo... Empresta aí, por favor. Aí já foi, já tá com o logotipo gravado.

Orador A: D&B.

Orador C: E aqui, OS2 é o modelo, né?

Orador A: Modelo OS2.

Orador C: D&B: Devon & Burgani.

Orador A: Ahã.

Orador C: E aqui é a chave já pronta, que aí já tá finalizando mesmo o instrumento.

Orador A: Muito bom.

Orador C: Né? Aí depois aqui é só tocar.

Orador D: Eu acho que no Brasil, talvez somente nós tamos conseguindo tocar com o próprio instrumento que construiu.

Orador B: Sim.

Orador D: A maioria...

Orador B: Isso é incrível. Isso que eu ia te falar.

Orador D: É.

Orador B: Aí é o seguinte.

Orador D: Eu uso na OSESP há 7 anos, o meu instrumento.

Orador A: Maravilha.

Orador C: E na OSESP, você tem um circuito interessante de músicos estrangeiros.

Orador B: Tem.

Orador C: Entrando e saindo.

Orador D: não é só um instrumento. Eu trabalho com instrumentos caríssimos de top de linha, tradicionais, franceses.

Orador A: Claro. Claro.

Orador D: Então no começo eu colocava a prova o meu brasileirinho aí, junto dos franceses.

Orador A: E chega lá... E aí, e aí? Como é que ficou?

Orador D: A gente foi, fomos vencendo.

Orador A: É.

Orador D: Fomos vencendo.

Orador A: Muito bom.

Orador D: Fomos vencendo. Fomos vencendo.

Orador A: Isso é muito legal, né?

Orador D: É.

Orador C: Acho que para mim uma das maiores realizações, uma emoção que eu tive, quando eu vi o Sérgio tocar pela primeira vez na OSESP. Foi a primeira vez que um clarinete erudito tocou profissional com o instrumento. E pra mim foi uma emoção muito grande.

Orador D: Muito grande.

Orador A: Que legal. Imagino.

Orador B: Maravilhoso.

Orador C: É conclusão do trabalho, né?

Orador A: Isso aí.

Orador D: É.

Orador A: Que bom. Isso que é importante.

Orador D: Vamos continuar.

Orador A: Vamos bora.

Fim da Transcrição [00:26:15]